

A FEIRA CENTRAL: UM ESPAÇO EM EBULIÇÃO.

Eliana Gomes Quirino¹

Departamento de Sociologia e Antropologia – Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
R. Ulisses Gomes, 99 – Centro – 58. 100-480 – Campina Grande – PB
E-mail: liliquirino@yahoo.com.br

Palavras-chave: Feira, relações sociais, contato direto.

Área do Conhecimento: VII – Ciências Humanas

Este trabalho trata de um estudo etnográfico realizado na feira central da cidade de Campina Grande. A pesquisa foi desenvolvida com o intuito de perceber como estavam organizadas as relações sociais no espaço da feira. Desde o princípio não quis enveredar pelo caminho analítico da Escola Chicago. Segundo os autores desta escola, o moderno ritmo agitado de vida, abre espaço para as relações impessoais e racionais da população, enfraquecendo, assim, as relações primárias, o contato direto (face a face). Por opção deixei de lado a idéia determinista de que as estruturas frias e artificiais conseguem interferir e abalar as relações sociais primárias dos homens em sociedade, buscando ver a Feira como um lugar comum que ganha então a forma de um espaço público vivido e atualizado pelo olhar, pela palavra e pela ação de cada um. Um local onde os laços primários sobrevivem e coexistem paralelamente às condições sociais impostas pelo meio urbano. Com esta constatação não se pretende afirmar que inexistem na feira ou na cidade relações secundárias baseadas na impessoalidade, na racionalidade e definidas em termos de dinheiro e interesses. Mas tais relações não prevalecem na Feira Central ou na cidade de Campina Grande como um todo.

INTRODUÇÃO

Aparentemente poderia ser bem acessível para eu apreender sinais de cultura na Feira Central de Campina Grande e em seguida confortavelmente dissertar algo sobre eles, pois convivo com este ambiente em constante ebulição a um bom tempo de minha vida. Mas, tal contato com a feira (devido à proximidade de minha residência e por freqüenta-la de vez em quando) só me permitiu conhecer algumas ruas, prédios, bancas e pessoas superficialmente. Na verdade, eu simplesmente os via, mas não tinha o menor conhecimento sobre estes elementos que compõem a feira.

Assim sendo, senti na pele a tese de Gilberto Velho [1] na qual ele afirma que o que vemos e encontramos em nosso cotidiano pode ser familiar, mas não necessariamente conhecido. Porque constantemente pode-se deparar com uma certa paisagem social, com um cenário composto por pessoas e grupos que fazem

parte de seu cotidiano e por isso o quadro social torna-se familiar e habitual. No entanto, não significa que se conhece algo a respeito da vida dessas pessoas; que se conhecem seus hábitos, valores e quereres.

Este é, portanto, um dos problemas encontrados ao se estudar o familiar, aparentemente conhecido, uma vez que temos diante de nós um mapa, cristalizado em nossas mentes, que delinea hierarquicamente o quadro social que esta em nossa volta, fazendo nos familiarizarmos com a paisagem social de nosso cotidiano. E ao mesmo tempo este mapa funciona como uma vidraça, nos impedindo de conhecer a visão de mundo dos atores sociais e a lógica de suas relações.

Ainda de acordo com Gilberto Velho, quando o pesquisador dedica-se ao estudo do familiar no intuito de conhecer, dispensando aquilo que simplesmente vê, pode ter sensação de estranheza e de não reconhecimento semelhante à experiência

que tem ao entrar em contato com sociedades exóticas.

De fato, quando busquei desvencilhar-me do quadro social que estava definido em minha mente, cada vez que visitava a feira descobria algo sobre os processos e relações sociais daquele espaço. Quanto mais bebia daquele líquido que me parecia água potável de tão claro e “conhecido”, mais tinha dúvidas se eu realmente o conhecia, já não sabia mais se era água ou uma boa cachaça brejeira que deveria ser saboreada gole a gole.

Para aquele que simplesmente vê, a feira é apenas um espaço de compras, vendas e trocas que atrai pessoas de diversas partes da cidade de Campina Grande, de cidades circunvizinhas e da zona rural. Entretanto, se o pesquisador deixar de lado a superficialidade perceberá a existência das teias de significados, como Geertz (1989) nos indica, tecidas pelos homens naquele espaço. E conseqüentemente, o esforço para interpretar as estruturas significantes dará margens para uma descrição densa da realidade. Aquele antropólogo preocupado em procurar os significados que são estabelecidos socialmente encontrará *“uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicadas e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar”* [2].

1.0 – A FEIRA: UM EXEMPLO PUJANTE DE RELAÇÕES PRIMÁRIAS

De antemão devemos considerar que apesar de Campina Grande não ser um grande centro urbano, como Recife, Fortaleza, São Paulo, ela é uma cidade interiorana bem desenvolvida que desde a década vinte e trinta, já despontava no cenário nacional e internacional como a segunda exportadora de algodão, perdendo apenas para Liverpool na Inglaterra, e depois se tornou um importante centro comercial do Nordeste. Atualmente, foi publicado na revista News Week que Campina Grande está entre as nove cidades que mais cresceu no mundo. Com estas afirmativas estou querendo dizer que esta cidade por possuir

um considerável padrão de desenvolvimento já deveria ter consolidado de forma expressiva as relações secundárias, pois de acordo com Park (um dos representantes da Escola de Chicago), em suas considerações sobre o fenômeno urbano, nas cidades desenvolvidas prevalecem as relações secundárias.

Segundo Park [3], os meios avançados de transporte e comunicação da cidade moderna promoveram uma mudança rápida na organização social e industrial da mesma. As mudanças no campo industrial e da organização e distribuição da população desencadearam simultaneamente mudanças de hábitos, sentimentos e caráter da população, ou seja, alteraram as relações sociais entre os indivíduos. Para o autor, o ritmo agitado da vida citadina moderna abre espaço para as relações impessoais e racionais da população, isto é, dão lugar as relações indiretas, secundárias, na qual o outro é apenas mais um em meio a uma multidão de viventes. Enfraquecem-se, portanto, as relações primárias, o contato direto (face a face) no qual vigora o ato de tocar e ver (o contato físico) como elementos primários da inter-relação humana.

No entanto, a teoria de Park, bem como as análises da Escola de Chicago tem sido alvo de críticas e contradições comprovadas por intermédio de pesquisas. Eunice Durnham, por exemplo, faz a seguinte exortação: *“empiricamente, pôde observar-se que os ‘laços primários’ – familiares e de parentesco, sobretudo nas populações migrantes latino-americanas – tinham tendência a sobreviver, coexistir ou adaptar-se às condições sociais impostas pelo meio urbano”*. [4].

As palavras de Durnham nos dão suporte para apresentar Campina Grande como um modelo próximo de um meio urbano, de certo modo desenvolvido, cujas relações primárias estão vivas em meio a sua população. Para tanto, usaremos a Feira Central como um bom exemplo de espaço aberto na cidade, recheado de laços primários.

A Feira Central não é apenas um lugar de comércio muitíssimo variado, um espaço onde muito se trabalha, pois também é lugar de ócio, lazer e prazer - que começa a ganhar vida a partir das cinco horas da

manhã funcionando até as seis horas da tarde da quarta-feira a sexta-feira, e no sábado (dia de maior movimento) a partir das três horas da manhã. Assim sendo, a feira torna-se além de um espaço onde se realizam compras, vendas e trocas, um lugar de passeio, um ponto de encontro entre parentes, amigos e namorados.

Na feira, em meio ao colorido das frutas e verduras, em meio aos gritos diversos e estridentes dos vendedores, os flertes e namoriscos acontecem. Aqui e ali uma piada ou estória engraçada contada entre amigos seguida de muitos risos. São conversas por todos os lados sobre a família, sobre pabulagens, sobre um amigo comum que faleceu, sobre uma alegria que teve durante a semana, sobre desabafos, desgostos e lamúrias.

Neste momento é interessante ressaltar uma conversa escutada que continha um desabafo. Um homem que aparentava ser da zona rural fazia apologias a cidade, encantado com as facilidades deste meio. Segundo ele, na cidade não se tem dificuldade no acesso ao saber, as compras, aos médicos. Enquanto despachava suas mercadorias o vendedor o ouvia, em seguida manifestou-se, dizendo-lhe que se soubesse o quanto ia sofrer na cidade não teria vindo morar nela, teria permanecido no campo.

Vejam vocês, nós estamos num centro comercial, especificamente numa feira livre, um lugar onde se deveria vigorar relações secundárias, pois a busca de lucros, a satisfação de interesses próprios poderia promover relações superficiais entre os indivíduos deste meio. Nestes termos, o vendedor dispensaria seu cliente sem entrar em detalhes sobre suas próprias idiossincrasias, enquanto o cliente por sua vez, sequer tinha falado ao vendedor sobre o seu desejo de vir morar na cidade ou sobre o quanto gosta dela. Simplesmente, teria feito suas compras, falando estritamente o necessário e em seguida teria partido deixando no ar os sinais de uma relação distante e fria. No entanto, através do contato face a face trocaram conselhos, expuseram sentimentos, vontades e desgostos. Manifestaram-se de acordo com a relação pessoal e de proximidade, distantes de um quadro de impessoalidade característico das relações secundárias.

Todavia, os laços secundários, que segundo os autores da Escola de Chicago estão impregnados nas relações humanas da vida citadina, não se fizeram presente nesta situação e comumente não estão presentes nas relações sociais da Feira Central, um recorte rico e representativo da cidade de Campina Grande.

As prosas se multiplicam, triplicam na medida que a feira vai enchendo-se da vontade de cada um em comprar frutas frescas, encontrar amigos ou um parente que ficou de lhe trazer um recado ou lhe levar um recado. Pois sim, a feira também é lugar de carteiros não institucionalizados que levam e trazem recados e encomendas de parentes e amigos, lembrando que qualquer um está propenso a assumir esta função, basta pisar no chão da feira.

Enquanto se escolhe a carne verde para o feijão do dia, conta-se para um conhecido neste breve encontro de que família pertence, quais os sobrenomes de sua família, quem são seus primos e tios em primeiro e segundo graus. E assim, como se sua vida fosse um novelo de linha vai desenrolando para o outro suas particularidades, sua linhagem. Noutra situação, no percurso entre a banca de verduras e frutas e a banca de carnes encontra-se um amigo que há muito tempo não via. Então, não se economiza contatos físicos: são apertos de mãos e abraços somados as recordações do passado que resultarão numa boa conversa e na interrupção das compras de ambos às partes.

Quanto aos vendedores – atores sociais que também mantém vivo o contato pessoal – convidam enfaticamente os clientes para irem a sua banca, lhes ensinam formas de conservação de alimentos, lhes permitem à prova dos produtos, fazem a segurança dos clientes na medida que se colocam de prontidão para correr atrás de algum larápio que ouse roubar o dinheiro do freguês no momento do pagamento. Vale salientar ainda que os vendedores têm seus clientes preferenciais e para eles guardam sob a banca os bons produtos seja goma de tapioca, carnes, queijos ou frutas. Se um outro cliente lhe pergunta sobre um tal

produto de boa qualidade que tem guardado em sua banca, certamente, o vendedor deduzirá que o código inexplicito foi revelado por um dos seus velhos e amigos fregueses, então ele terá mais um cliente que fará parte do leque de compradores especiais. Enfim, estas atitudes não são marcadas pela impessoalidade, pois – se assim fossem – seriam padronizadas, distantes e frias.

Portanto, na feira a turba em completo alvoroço se toca, se cumprimenta, se agride, se abraça, dando exemplos pujantes de laços primários na vida cidadina moderna. Com esta constatação não se pretende afirmar que inexistem na feira ou na cidade relações secundárias baseadas na impessoalidade, na racionalidade e definidas em termos de dinheiro e interesses. Mas tais relações não prevalecem na Feira Central ou na cidade de Campina Grande como um todo.

2.0 – “RUA BOA”: UMA REGIÃO MORAL

De antemão não podemos nos esquecer que a feira é também lugar de lazer e prazer.

Para compreendermos o que venha a ser uma “região moral” devemos recorrer a Escola de Chicago, especificamente as explicações de Robert Park.

De acordo com Park todo centro urbano desenvolvido possui suas regiões morais que não são necessariamente uma área de crime ou de anormalidade, bem como, não são necessariamente lugares de domicílio, são pontos de encontro, pontos de reuniões isolados, onde os indivíduos segregam-se para deixar aflorar seus impulsos, paixões e os ideais vagos e reprimidos pela sociedade. São zonas que apresentam um código moral divergente, ou seja, contrastante com relação à ordem moral dominante.

Na cidade, perante sua própria organização, a população tende a se isolar não apenas para satisfazer seus interesses econômicos ou ocupacionais, mas também para atender seus gostos e temperamentos, seus interesses ligados à natureza original do indivíduo, como os prazeres e desejos.

Na Feira Central de Campina Grande podemos apontar a rua Manuel

Pereira de Araújo como a principal *região moral* da cidade entre a década de trinta e setenta. E atualmente, já sem prestígio, uma das regiões morais da cidade, um lugar de “perdição”, vício e boemia, onde acontece prostituição a luz do dia, trocas e vendas de roubo e brigas de galo.

A partir da década de trinta, ou até mesmo antes, a geografia do sexo (termo utilizado por Nestor Perlongher para designar a região moral) foi definindo-se na Feira Central e na cidade de Campina Grande, limitando uma região que se tornou bastante atrativa para liberação dos desejos e prazeres reprimidos e condenados pela sociedade. Lá na rua Manuel Pereira de Araújo, estava o cassino El Dourado – uma casa de shows (chegando a convidar Nelson Gonçalves para cantar na noite); de jogatina e prostituição – que atendia a casta abastada da cidade de Campina Grande.

Na medida que foram surgindo outras regiões morais na cidade, ou seja, outros pontos segregados de prostituição e vício, a Manuel Pereira de Araújo, vulgarmente conhecida como “Rua Boa”, bem como o cassino El Dourado, foram perdendo seu viço. Os ricos homens da cidade já não mais prestigiavam a rua e o cassino como antes. Sua fase áurea foi seguida por uma decadência humana e física. Atualmente, aquilo que foi uma luxuosa casa de prostituição – o El Dourado – não passa de um prédio histórico fadado ao desabamento. As prostitutas de hoje daquela rua, não são mais de luxo, são mulheres pobre, algumas delas contaminadas por doenças sexualmente transmissíveis, que moram na própria rua Manuel Pereira de Araújo em condições sub-humanas e deprimentes. São mulheres abandonadas pela sociedade, vivendo situações humilhantes que as fazem pensar que são não-pessoas e sim instrumentos baratos de prazer.

- PARA FINALIZAR

Nas oito visitas que fiz a Feira Central (algumas vezes no período da manhã e da tarde) no intuito de conhecer como estavam organizadas as relações sociais naquele espaço, não quis enveredar pela linha analítica da Escola Chicago,

percebendo o espaço urbano da vida cidadina moderna como o responsável pelas modificações no comportamento dos sujeitos. Por opção deixei de lado a idéia de que as estruturas (as instituições e as construções civis) frias e artificiais conseguem interferir e modificar as relações sociais dos homens em sociedade.

Nas vistas a feira busquei vê-la como um lugar comum que ganha então a forma de um espaço público vivido e atualizado pelo olhar, pela palavra e pela ação de cada um. Em outras palavras, a feira deve ser pensada como um lugar que só ganhará sentido mediante a ação e reação dos homens que a recheiam de significados. Tais significados podem e devem ser lidos e interpretados pelos antropólogos, como nos sugere Geertz (1989). Caso não se perceba quais as relações sociais estabelecidas pelos indivíduos e qual a importância delas e sem esforçar-se para compreender os códigos e os significados ficar-se-á mais próximo de se elaborar uma descrição superficial e de se contribuir muito pouco para a ciência e para o grupo estudado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In.: Edson de Oliveira Nunes (Org.). A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- [2] [5] GEERTZ, C. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989. pp.20, 280.
- [3] PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In.: Otávio Guilherme Velho (Org.). O fenômeno urbano. 4. ed. Jorge Zahar, 1965. pp. 26-67.
- [4] PERLONGHER, Néstor. Antropologia das sociedades complexas: identidades e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead. In.: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Nº 22, ano 8, jun.1993. pp.139, Durnham apud Perlongher.
- [6] CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988.